

Entre versos e vozes de resistência: uma leitura de um poema de Tanella Boni

Luana Costa de Farias*
Josilene Pinheiro-Mariz**

Resumo

O presente artigo apresenta reflexões acerca da poesia de Tanella Boni, escritora marfinense de língua francesa, e uma leitura do poema intitulado “Les mots sont mes armes préférées”, colocando em destaque algumas considerações sobre temas importantes, como mulher, migração e resistência. Nossas leituras e ponderações estão amparadas nas produções literárias da referida escritora, Boni (2011), de Dominique Ninanne (2022), e, ainda, em outras referências que evidenciam a relevância da mulher na literatura. Além disso, dialogamos com as contribuições de Alexis Nouss (2015) ao abordar as reflexões sobre migração. Sendo assim, cremos que as discussões apresentadas no decorrer de nosso texto destaquem a importância de conhecer a produção poética da Costa do Marfim, sobretudo, por uma poeta de grande prestígio no meio literário internacional.

Palavras-chave: Tanella Boni; poesia marfinense; migração; resistência.

* Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Mestra e Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Linguagem e Ensino. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5883-2016>.

** Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Doutora em Letras - Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês pela Universidade de São Paulo e Professora do Programa de Pós Graduação em Linguagem e Ensino. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4879-579X>.

Entre vers et voix de résistance : une lecture d'un poème de Tanella Boni

Résumé

Le présent article présente des réflexions sur la poésie de Tanella Boni, une écrivaine ivoirienne de langue française, et une lecture du poème intitulé “Les mots sont mes armes préférées”, mettant en évidence quelques considérations sur des thèmes importants comme la femme, la migration et la résistance. Nos lectures et pondérations s'appuient sur les productions littéraires de l'auteure, Boni (2011) et Dominique Ninanne (2022), ainsi que sur d'autres références qui mettent en évidence la pertinence de la femme dans la littérature. En outre, nous dialoguons avec les contributions de Alexis Nouss (2015) en abordant les réflexions sur la migration. Ainsi, nous croyons que les discussions présentées au cours de notre texte soulignent l'importance de connaître la production poétique de la Côte d'Ivoire, surtout par une poétesse de grande prestige dans le milieu littéraire international.

Mots-clés: Tanella Boni; poésie ivoirienne; migration; résistance.

Introdução

A literatura africana contemporânea de língua francesa produzida por mulheres tem desempenhado um papel importante na problematização das heranças coloniais e na reflexão acerca das condições da mulher em contextos sociais marcados por desigualdades, exclusões e deslocamentos. Nesse cenário, é possível observarmos que muitas escritoras articulam, em suas produções literárias, uma escrita que combina lirismo e crítica social, elaborando uma narrativa que interroga a marginalização, o racismo estrutural e a fragmentação das identidades africanas vividas em seus países.

Ao considerarmos a emergência de tais indagações feitas por escritoras africanas, veremos que muitas delas, como as senegalesas Aminata Sow Fall, Ken Bugul e Fatou Diome, a camaronesa Léonora Miano e a ruandesa Scholastique Mukasonga, que são focos de diversas pesquisas acadêmicas, abordam temáticas atuais e provocam discussões indispensáveis em suas obras literárias. Apesar de hoje em dia termos um acesso, ainda que limitado, às produções dessas mulheres, podemos destacar que ainda existe um longo caminho a ser trilhado por elas.

Com base nas pesquisas que tratam da literatura produzida por mulheres em África, reconhece-se, como um ponto comum, trajetórias marcadas por lutas pela visibilidade e por liberdade dentro de tal cenário. Embora sempre tenha havido engajamento por parte dessas escritoras, o sistema imposto tornava a batalha mais árdua e isso pode ser comprovado pelo fato de as mulheres, historicamente, terem utilizado pseudônimos ao publicarem suas obras, a fim de protegerem suas identidades. Concordamos, portanto, com as reflexões de Ameur (2014) ao dizer que “o pseudônimo representa para este tipo de escritoras, uma proteção, um véu atrás do qual se protege um autor para se dizer” (Ameur, 2014, p. 145, tradução nossa¹), resguardando-as de serem perseguidas ou assassinadas por suas palavras.

Dito isso, podemos pensar também nas mulheres que escrevem literatura de migração. Provenientes de contextos sociais instáveis e, muitas vezes, ameaçadores, elas migram não por escolha, mas por necessidade de sobrevivência. Ao habitarem territórios que não são seus, elas são desafiadas a reinventar formas de sentir, modos de pensar e maneiras de

¹ *Le pseudonyme représente pour ce genre d'écrivaines, une protection, un voile derrière lequel se protège un auteur pour se dire.*

existir. Portanto, diante dessa realidade, compreendemos, a partir do pensamento de Ninanne (2022), que tais escritoras se encarregam de “fazer sair do anonimato e colocar em palavras o que não está nem dito, nem visto” (Ninanne, 2022, p. 268, tradução nossa²), abrindo um espaço para refletir sobre os deslocamentos migrantes.

Ao investigarmos o trabalho de escritoras contemporâneas de língua francesa provenientes de países fora da França Metropolitana, encontramos uma das poetisas africanas mais destacadas internacionalmente: Suzanne Tanella Boni, nascida em 1954, em Abidjan, na Costa do Marfim. Filósofa, professora e escritora, Boni realizou seus estudos em Toulouse e concluiu seu doutorado na Paris 8, na Sorbonne. Lecionou na Universidade de Cocody e atualmente atua como professora na Universidade Félix Houphouët-Boigny, em Abidjan. Autora de diversos romances, antologias, ensaios e obras de literatura infantil, Boni convida seus leitores a uma reflexão sobre diversas questões que permeiam o debate literário nos nossos dias.

Dentro da sua notável produção poética, realizamos, neste trabalho, a leitura do poema “As palavras são minhas armas preferidas³”, presente na antologia *Là où il fait si clair en moi* (*Lá onde tudo é tão claro dentro de mim*⁴), publicada, em 2017, pela editora parisiense Bruno Doucey. Essa antologia obteve reconhecimento da crítica com o *Prix Théophile da Académie Française* em 2018, o que reforça a relevância desta escolha de pesquisa. Vale destacar que, em 2022, Boni lançou outra antologia, intitulada *Insoutenable frontière* (*Insustentável fronteira*⁵), também pela Editora Bruno Doucey, recebendo o *Prix francophone international* do Festival de la poésie de Montréal, o que evidencia a consistência e a importância de sua produção lírica.

Nos versos de “As palavras são minhas armas preferidas”, assim como em outras criações de Boni, a presença da mulher emerge como eixo central, dialogando com questões de sociedade, família e exílio, temas que permanecem pulsantes na contemporaneidade. Ao refletir sobre o papel da mulher na sociedade atual, a autora evoca experiências de sua própria terra natal, vivências que conferem autenticidade e força às narrativas. A mulher,

2 *faire sortir de l'anonymat et mettre en mots ce qui n'est pas dit, pas vu.*

3 *Les mots sont mes armes préférées.*

4 Essa antologia poética ainda não tem tradução para o português. A fim de partilhar a poética de Boni, para este artigo, fizemos as traduções. O título do poema ficou, então, “As palavras são minhas armas preferidas”, forma como nos remeteremos a ele neste trabalho.

5 Também sem tradução em português.

sobretudo a que se dedica à literatura, surge não apenas como criadora de obras significativas, mas também como porta-voz daquelas cujas vozes permanecem silenciadas, reafirmando, através da palavra, sua potência transformadora.

Sendo assim, nosso objetivo é analisar o poema “As palavras são minhas armas preferidas”, da autora em estudo, discutindo os temas que se destacam em sua poética. Entre eles, a mulher e a resistência ocupam um lugar central na obra de Boni, sendo abordados de forma marcante. Ao tratar das questões que atravessam sua sociedade, a autora abre espaço para que outras mulheres reflitam sobre seu próprio lugar e sobre as formas de afirmação possíveis em seus contextos, tais reflexões estão ancoradas na própria Boni (2011), assim como em Ninanne (2022). As questões de migração, outro eixo fundamental da produção da escritora marfinense, são discutidas à luz das reflexões de Nouss (2015), que evidenciam a dureza e a complexidade da condição migrante. Essas ponderações contribuem para aprofundar a compreensão das experiências migratórias presentes no texto de Boni e seus impactos na constituição dos sujeitos.

Ser mulher: escrever e resistir

Refletindo sobre a produção literária, sobretudo, africana, pudemos constatar que, para um número expressivo de mulheres, escrever é mais do que relatar experiências: é um ato de resistência e afirmação de identidade. Ao compartilhar memórias de exílio, desigualdade e vivências sociais, as autoras transformam a literatura em um espaço onde se confrontam injustiças e se reivindica autonomia. Suas palavras não apenas registram histórias pessoais, mas também amplificam vozes silenciadas, tornando a escrita um instrumento de poder, liberdade e transformação cultural.

Nesse sentido, segundo Chitoura (2023), a mulher escritora “leva os leitores ao coração dos seus sofrimentos e das suas desgraças, mergulhando-os num mundo feminino que durante muito tempo fora fechado e inacessível aos olhos dos homens” (Chitoura, 2023, p. 9, tradução nossa⁶). Assim, compreendemos que a escrita feminina é mais do que testemunho:

6 emmène les lecteurs au cœur de ses souffrances et de ses malheurs, les plongeant dans un monde féminin qui avait longtemps été fermé et inaccessible au regard des hommes.

é um gesto de aproximação. Ao narrar sua realidade, a mulher escritora convida o leitor a partilhar de sua vida, rompe o esquecimento que lhe foi imposto e transforma sua experiência em ponte, capaz de tocar e ressoar na existência de quem a lê.

No ensaio *Que vivent les femmes d'Afrique? (O que vivem as mulheres africanas?)*, publicado pela editora Karthala em 2011, Tanella Boni aborda a vida das mulheres em África, suscitando reflexões sobre experiências comuns a diferentes contextos geográficos, como evidencia a seguinte citação:

A maioria dos males de que falo neste ensaio são encontrados em outros lugares, em outros países, fora da África. Poderia, portanto, questionar se o universo das mulheres que exploro aqui é específico de uma região do mundo. Em todos os lugares, e quaisquer que sejam as culturas presentes, há mulheres espancadas, estupradas, assediadas, dominadas. (Boni, 2011, p. 7, tradução nossa⁸).

As palavras de Boni confirmam que, ao longo da história, as mulheres têm enfrentado condições adversas em diferentes continentes, frequentemente emudecidas por perspectivas masculinas. Tradicionalmente, o direito à liberdade era reservado unicamente aos homens, enquanto as mulheres permaneciam em posições de subordinação, privadas de proteção moral e de plena participação social. Desse ponto de vista, ao fazermos uma análise das relações entre homens e mulheres, observamos um cenário marcado por desigualdades estruturais e restrições sistemáticas à autonomia feminina.

Nesse sentido, celebrar os passos dados por mulheres na literatura é de fundamental importância, pois é reconhecer a relevância de suas contribuições para a sociedade. Exaltar tais vitórias significa reafirmar o valor da palavra feminina como instrumento de resistência, criação, além de destacar o protagonismo de mulheres que, ao longo do tempo, romperam barreiras e abriram caminhos para que outras pudessem também ocupar esse espaço.

⁷ Obra igualmente sem tradução para o português.

⁸ La plupart des maux dont je parle dans cet essai se retrouvent ailleurs, dans d'autres pays, hors d'Afrique. On pourrait donc se demander si l'univers des femmes que j'explore ici est spécifique à une région du monde. Partout, et quelques que soient les cultures en présence, il y a des femmes battues, violées, harcelées, dominées.

As palavras são minhas armas preferidas

A fim de refletirmos sobre a relação entre escrita de mulheres e resistência, realizaremos a leitura do poema “As palavras são minhas armas preferidas”, composto por 182 versos, que se organizam em 31 estrofes. Dada a extensão do texto poético, destacamos estrofes que se relacionam aos temas centrais observados, a fim de expor a análise desenvolvida para dialogar com as bases que ancoram os nossos argumentos. A partir de nossas leituras, identificamos que a poesia de Boni se desenha em versos livres, sem o rigor de métricas fixas e, muitas vezes, sem a cadência de rimas alternadas ou interpoladas. As estrofes são variadas e revelam uma escrita que se recusa a ser aprisionada por formas rígidas, construindo, como traço essencial, a liberdade. Logo, sua poética transmite uma voz singular, autêntica e profundamente marcada pela busca de expressividade:

Toda partida é também um retorno
Tu partes com teus sonhos
Tu partes com tua vida tuas memórias
Como um dromedário lento
Tu carregas tuas bagagens nas costas
No limite do braço
De escala em escala
Até o retorno
De tua primeira partida
Em país estrangeiro

Tu caminhas nas ruas de tua cidade
Onde raras são as árvores dos grandes sonhos
Que ainda resistem às tempestades
As folhagens por tempos enevoados
Estão cobertas de guarda-chuvas (Boni, 2017, p. 9, tradução nossa⁹).

⁹ Tout départ est aussi un retour / Tu pars avec tes rêves / Tu pars avec ta vie tes souvenirs / Comme un dromadaire au pas lent / Tu portes tes bagages sur le dos / À bout de bras / D'escalade en escalade / Jusqu'au retour / Ton premier départ / En pays étranger / Tu marches dans les ruelles de ta ville / Où rares sont les arbres aux grands rêves / Qui résistent encore aux intempéries / Les feuillages par temps brumeux / Sont couverts de parapluies.

Nos versos iniciais, é possível observarmos uma ideia de viagem, através das palavras “partida” e “retorno”, acompanhadas de uma reflexão, que pode ser notada no verso seguinte, pois os “sonhos”, elemento que aparece de forma recorrente na obra de Boni, desperta um sentimento de esperança. No terceiro verso, ao continuar com o “tu”, pronome na segunda pessoa do singular, o eu lírico afirma que aquele que parte leva consigo a vida e as memórias, nos fazendo interpretar que, mesmo que a pessoa se mude para uma terra estrangeira, não perderá suas raízes. A imagem do dromedário, “em passos lentos”, sugere alguém que caminha lentamente com as “bagagens nas costas”, elementos trazidos no quarto e quinto verso, os quais funcionam como metáfora para os sonhos e os ideais daqueles que vão para uma terra desconhecida. A ideia de viagem, como mencionamos, simboliza a abertura para o mundo, a partir de uma escrita que se movimenta e avança. Ao sair do país, é possível interpretar nos versos seguintes da primeira estrofe, “Até o retorno / De tua primeira partida / Em país estrangeiro”, compreendemos o regresso de um sujeito modificado pela partida, assim como observamos na segunda estrofe. Ao lermos esses versos, podemos citar as palavras de Mathis-Moser e Mertz-Baumgartner (2014) em relação à literatura migrante, que estaria alicerçada na prática do deslocamento e refletiria sobre “o lugar de origem e o lugar de acolhimento, sobre o passado, o presente e um futuro muito incerto” (Mathis-Moser; Mertz-Baumgartner, 2014, p. 51, tradução nossa¹⁰).

No primeiro verso da segunda estrofe, o retorno ao país de origem fica mais evidente. Nesse sentido, ao lermos “Tu caminhas nas ruas da tua cidade”, é possível observar, pelo uso dos termos “ruas” e “cidade”, a construção espacial desse país. Nota-se, ainda, que os elementos ligados à natureza, evocados nos versos seguintes – “árvores”, “tempestades”, “folhagens” e “tempo nublado” –, permitem a visualização de um cenário temporal que se movimenta junto com a progressão do poema. Como podemos ver, as imagens da natureza conferem um caráter simbólico à poesia de Boni: em “as árvores dos grandes sonhos / que ainda resistem às tempestades”, por exemplo, a tempestade funciona como metáfora para as dificuldades do eu lírico na concretização de projetos e sonhos, ao quais resistem apesar do “mau tempo”, do mesmo modo que as “folhagens” da árvore, tais como a “esperança” e a “fé” no porvir, estão cobertas por “guarda-chuvas”, permanecendo, assim, protegidas.

¹⁰ *le lieu d'origine et un lieu d'accueil, sur le passé, le présent et l'avenir très incertain.*

Os lugares te parecem pouco familiares
No entanto, estás longe de ter falhado
Em um deserto de cactos gigantes
A atmosfera desta rua desconhecida
Não tinha segredos para ti
E esse rosto que mal te reconhece
E a chuva que fala da tua presença

Nunca saíste
Teu olhar mudou
Pelo caminho

Aqui é onde comesas
A primeira partida
É lá que a estranheza
Te agarra pela garganta
De cabeça erguida
No exílio que começa

Será necessário tempo
Para aprender
As novas palavras
De relacionamento (Boni, 2017, p. 10, tradução nossa¹¹).

A terceira estrofe evoca, mais uma vez, a noção de espaço ao utilizar palavras como “lugares”, “deserto” e “rua”. Contudo, é possível notarmos uma sensação de não pertencimento, embora o eu lírico esteja retornando para o seu lugar de origem. No decorrer dos versos, é possível perceber que há uma impressão de estrangeirismo ligada a um duplo sentido: de um lado, o “eu” que viveu o exílio e não encontra mais a sensação de familiaridade nos lugares que conhece, de outro, os “rostos” e o “olhar” dos habitantes do país natal. Ao vivenciar uma experiência de desenraizamento, a voz poética

¹¹ Les lieux te semblent si peu familiers / Pourtant tu es loin d'avoir échoué / Dans un désert aux cactus géants / L'atmosphère de cette rue inconnue / N'avait pas de secret pour toi / Et ce visage qui te reconnaît à peine / Et la pluie qui raconte ta présence / Toi jamais partie / Ton regard s'est transmué / En cours de route / C'est ici que tu entames / Le tout premier départ / C'est là que l'étrangeté Te saisit à la gorge / À bras-le-corps / Dans l'exil qui commence / Il te faudra du temps / Pour apprendre Les nouveaux mots / De la relation.

é atravessada por esses olhares, se sentido estrangeira. Sobre essa noção de estrangeirismo, a própria Boni (2008), em um de seus artigos, diz que “os homens e as mulheres que partem se tornam estrangeiros, e isso é uma maneira de ser no mundo, de ter ou não o seu próprio lugar” (Boni, 2008, p. 685, tradução nossa¹²).

Então, compreendemos que esse sentimento de estrangeirismo tem origem na ideia de partida e/ou mesmo no exílio, como se pode perceber com mais evidência nos versos da estrofe seguinte. Os dêiticos “aqui” e “lá” desenham a noção do início da experiência da “partida” da terra natal: “Aqui é onde começa / A primeira partida”. No terceiro e quarto versos, “É lá que a estranheza / Te agarra pela garganta”, percebemos a sinestesia, muito presente na poética de Boni, apresentada de uma maneira que perturba, incomoda aquele que vivencia o exílio e suas perdas. Nesse sentido, concordamos com Nouss (2015), ao dizer que “não é tanto a perda de um lugar que fere, mas a perda do sentido do lugar, qualquer que seja aquele em que o sujeito esteja” (Nouss, 2015, p. 37, tradução nossa¹³).

A quarta estrofe inicia com os versos “será necessário tempo/ para aprender”, em que o verbo “ser/estar”, no futuro do presente “será”, estabelece uma progressão temporal dos acontecimentos, bem como “as novas palavras”, trazendo um contexto novo para o que é vivido.

No entanto, o sol está em seu zênite
O mar ainda cumprimenta
A baía onde tudo começou
Mas não te enganes
Os olhares oblíquos dos vizinhos
Te dizem
Que este país está longe de ser o teu
Aqui estás de volta
Mais estrangeiro do que nunca
Este país e o ar que a gente respira
Desde que partiste
Já experimentou mil revoluções
Acompanhado por notas musicais

¹² les hommes et les femmes qui prennent la route deviennent des étrangers, ce qui est une manière d'être au monde, d'avoir ou non son lieu propre.

¹³ ce n'est pas tant la perte d'un lieu qui blesse que la perte de sens du lieu, quel que soit celui où se tient le sujet.

São as árvores que espiam seus passos
No entanto, não tens outro país
Do que aquele onde a palavra veio a ti
Para saudar o nascimento de uma estrela (Boni, 2017, p. 11, tradução nossa¹⁴).

Como podemos observar, os elementos da natureza – “sol”, “mar”, “baía” – novamente se fazem presentes, desenhando uma imagem que desperta lembranças, ainda que não muito boas – “A baía onde tudo começou”. A sensação de não pertencimento ao lugar é retomada nos versos seguintes: “Os olhares oblíquos dos vizinhos / Te dizem / Que este país está longe de ser o teu”, enfatizando a ideia de estar em um país estrangeiro. Os versos “Aqui estás de volta / Mais estrangeiro do que nunca” marcam a mudança naquele que parte, bem como as transformações que são enfrentadas pelos que ficam. Ainda nesse sentido, retomamos as reflexões de Nouss (2015), ao dizer que “o eu se sente exilado no sentido em que não se insere, se insere pouco, ou mal, no novo sistema que lhe é proposto, sem ter a certeza de que a inclusão possa acontecer” (Nouss, 2015, p. 57, tradução nossa¹⁵).

Embora o eu lírico esteja modificado pelo exílio, ao retornar à sua terra, sente que não há outro país a não ser aquele, mesmo que sinta estranho a ele, como podemos constatar nos últimos versos da estrofe: “[...] não tens outro país / Do que aquele onde a palavra veio a ti / Para saudar o nascimento de uma estrela”. Ainda que ele seja transformado pela experiência, mantém-se o reconhecimento de seu lugar, simbolizado pela imagem da “estrela”, corpo luminoso e brilhante que marca o retorno, bem como a identificação da sua terra de origem.

Tua pele como um tronco de árvore
Coberto em mil arranhões
Ainda te protege das intempéries
Precisas de um guarda-chuva (Boni, 2017, p. 12, tradução nossa¹⁶).

14 *Pourtant le soleil est au zénith La mer salue encore La baie où tout a commencé Mais ne t'y trompe pas Les regards obliques des voisins Te racontent Que ce pays est loin d'être le tien Te voilà de retour Plus étrangère que jamais Ce pays et l'air qu'on y respire Depuis ton départ Ont connu mille révolutions Qu'accompagnent des chaises musicales Ce sont les arbres qui épient tes pas Pourtant tu n'as pas d'autre pays Que celui où la parole est venue jusqu'à toi Pour saluer la naissance d'une étoile*

15 *le moi se sent exilé au sens où il s'insère pas ou peu ou mal dans le nouveau système qui lui est proposé, sans être certain que l'inclusion puisse arriver jamais.*

16 *Ta peau comme un tronc d'arbre / Couvert de mille éraflures / Te protège encore des intempéries / As-tu besoin d'un parapluie.*

Na décima estrofe, os elementos da natureza, como “tronco de árvore” e “intempéries”, constroem, além de um cenário imagético, a identificação (quase simbiótica) do sujeito com o espaço. Nesse sentido, a “árvore”, representando força e resistência, é também comparada com a nossa pele, repleta de cicatrizes e arranhões de experiências e momentos difíceis, mas que, apesar deles, resiste e permanece forte. Assim, o tronco da árvore, cheio de fissuras, a protege das tempestades, como se fosse a pele nos protegendo das dificuldades apresentadas no caminhar. Nesse sentido, retomamos as reflexões de Medouda (2017), ao afirmar que “a pele unifica o corpo e protege-o e, ao mesmo tempo, abre o sujeito para o mundo, permite conhecê-lo pelos cinco sentidos” (Medouda, 2017, p. 230, tradução nossa¹⁷). No último verso da estrofe, o termo “guarda-chuva” aparece, trazendo novamente a ideia de proteção e amparo nas tempestades vindouras.

Eu não tenho nenhuma outra arma entre as mãos
Ilustre desconhecido
Que eu não cheguei a conhecer
Eu não tenho nenhuma outra arma ao alcance das mãos
Numa época em que as armas se proliferam
Em um mundo saturado de becos sem saída

As palavras são minhas armas favoritas
Palavras que fazem a festa
Sobre o enredo que eu observo
Ao largo da minha cabeça de sentinela
Que transborda e transborda de alegria
Submersa em silêncio
No limiar das palavras por vir. (Boni, 2017, p. 15, tradução nossa¹⁸).

A vigésima estrofe traz a imagem do tempo para iniciar os versos, sugerindo um processo cronológico que acompanha os acontecimentos. Palavras como “paisagens”, “fronteiras”, “tarde” e “nuvens” constroem um tempo nublado até o entardecer, enquanto os termos “noite” e “estrela”

¹⁷ La peau unifie le corps et le protège et tout à la fois, elle ouvre le sujet au monde, permet de le connaître par les cinq sens.

¹⁸ Je n'ai pas d'autre arme entre les mains / Illustre inconnu / Que je n'ai pas appris à connaître / Je n'ai pas d'autre arme à portée de main / À l'heure où pullulent les armes / Dans un monde saturé d'impasses / Les mots sont mes armes préférées / Mots qui font la fête Sur la parcelle où je veille / Au large de ma tête sentinelle / Qui déborde et déborde de joie / Submergé de silence / Au seuil des mots à venir.

reforçam a ideia da sucessão dos fatos. Além disso, a noite remete à possibilidade dos migrantes se deslocarem sem serem vistos e Boni aborda esses elementos de maneira interessante. Ainda nesse sentido, concordamos com Ninanne (2022) ao considerar que “a presença dos astros, do cosmos dignifica os migrantes em seus desejos e em seu sofrimento” (Ninanne, 2022, p. 171, tradução nossa¹⁹). Na estrofe seguinte, a “mulher” é comparada a uma “estrela”, um corpo luminoso que brilha, “Uma mulher viva”, que bate à porta e se faz presente. É possível notarmos um encantamento em relação à imagem da mulher, o “nunca transparente” como alguém que nunca se torna invisível, ou seja, está ali para ser visto, contemplado. No último verso, ao dizer “Que você deve ter se deparado / Em uma vida passada”, exalta a existência da mulher, bem como a sua presença durante toda a história.

Este tempo amarrou às minhas entranhas
Junta a maior parte da minha bagagem
Eu ponho o passo em outras terras
Levando comigo
Aquele que não me deixa (Boni, 2017, p. 18, tradução nossa²⁰).

Nessa estrofe, os elementos “bagagem”, “passo” e “outras terras” revelam uma imagem de deslocamento ou mudança de lugar, nos levando a compreender as bagagens como experiências de vida do eu lírico, pois são levadas para onde quer que ele vá, assim como as suas memórias e os seus entes queridos.

A quem pertence esta voz
Senão a mim
Que percorro
Um mundo mudo
Quem jamais me disse nada de verdade
Exceto a lição que aprendi com a vida

19 Il se fait tard / Et le temps a oublié / De rapprocher nos paysages / En perte de bonheur / La parole s'est éloignée / De nos frontières / Il se fait tard / Et je ne t'ai pas rencontré / Je n'ai pas d'autre arme à portée de main / Si parmi les nuages / À compter le soir / Le temps t'apporte une étoile / Fais semblant de la voir / C'est une étoile / Un corps lumineux / Un presque-rien / Une femme vivante / Qui frappe à ta porte / Une femme Jamais transparente / Que tu as dû croiser / Dans une vie antérieure.

20 la présence des astres, du cosmos dignifie les migrants dans leurs désirs et dans leur souffrance.

Compartilhar as dores e as alegrias
Daqueles que não teriam voz

Não tenho a sorte de ser um porta-voz
Seria necessário que minha voz chegasse tão longe
Do sol nascente
Até as sombras crepusculares
Deitadas à beira da noite que se anuncia (Boni, 2017, p. 19, tradução nossa ²¹).

Os elementos “voz” e “mudo”, nos primeiros versos da passagem, expressam um jogo de palavras que enfatiza a ideia de alguém que tem voz e a usa para falar por aqueles que não teriam. Ao discorrer sobre as experiências e sobre o que aprendeu da vida, Boni nos traz uma ideia de resiliência e, ainda, de força, apresentada nos versos: “Não tenho a sorte de ser um porta-voz / Seria necessário que minha voz chegasse tão longe”, promovendo uma reflexão sobre o alcance de sua voz.

Ao destacar, novamente, elementos da natureza, como “sol nascente”, “sombras do crepúsculo” e “à beira da noite”, essa voz poética nos permite visualizar a imagem do tempo a partir dos momentos do dia. O poema se encerra reforçando o poder das palavras e retomando a ideia exposta desde o início: “as palavras são as minhas armas preferidas”.

De forma sensível, Boni coloca o migrante no centro das discussões, revelando seus medos, sonhos e, principalmente, o sentimento de não pertencimento que o atravessa. A resistência, intrinsecamente ligada à experiência migratória, expõe, de maneira contundente, a dureza da realidade daqueles que, mesmo diante da incerteza, alimentam a esperança de um futuro possível. A mulher, o eu lírico forte e resiliente, apesar de enfrentar obstáculos em sua jornada, permanece firme, lutando por visibilidade.

A voz do exílio ecoa em cada verso do poema. Uma voz que atravessa séculos, fronteiras, lutas e mulheres. Séculos marcados por reivindicações, por gritos de clamor tantas vezes silenciados. Fronteiras que, paradoxalmente, erguem muros e constroem pontes, revelando conexões antes inimagináveis e, hoje, cada vez mais sólidas. Lutas de milhares que, mesmo tomados pelo medo, seguem firmes, sem desistir. E as mulheres...

21 *Ce temps noué à mes tripes / Rassemble l'essentiel de mes bagages / Je pose le pas sur d'autres terres / En emportant avec moi / Celle qui ne me quitte pas.*

mulheres que choram e batalham, que caem e se erguem, carregando sempre, com coragem e resistência, o peso que lhes é imposto.

Conclusão

Considerando a leitura do poema “Les mots sont mes armes préférées”, verifica-se que Boni suscita, em sua produção literária, reflexões importantes não apenas em nosso meio acadêmico, mas também no meio social. Ao abordar temas que provocam discussões sobre questões relevantes, como mulher, corpo, resistência, migração, política, entre outros, ela nos leva a reconhecer a importância de nosso papel enquanto sujeitos atuantes no mundo. Por meio de sua poética, Boni nos conduz, com sensibilidade, na percepção de imagens detalhadas e das experiências evocadas no poema.

Assim, a literatura migrante revela-se como um espaço privilegiado de sensibilização e reflexão acerca das experiências de deslocamento, sobretudo porque muitas mulheres escritoras não apenas narram, mas vivenciam em sua trajetória as marcas da migração. Pesquisar tais produções literárias é, portanto, reafirmar sua relevância em tempos atuais, nos quais as questões de exílio e pertencimento continuam a atravessar identidades e vozes. Nesse cenário, torna-se imprescindível colocar a mulher no centro das discussões, reconhecendo os múltiplos obstáculos que enfrenta, tanto no campo literário, marcado historicamente pela exclusão, quanto na sociedade em geral.

Por fim, entendemos que a poesia marfinense de língua francesa constitui um importante caminho para a valorização da literatura escrita por mulheres, ressaltando a relevância de leituras como esta em nosso contexto acadêmico. Ressaltamos que a leitura dessas poéticas enaltece a mulher na cena literária, assim como confirma o nosso comprometimento como mulheres, professoras, sonhadores e atuantes na sociedade. Cremos, assim, que artigos como este contribuem para a divulgação da poesia e do pensamento de Tanella Boni.

Referências

AMEUR, Souad. *Écriture féminine: images et portraits croisés de femmes*. Paris: Université Paris-Est, 2013.

BONI, Tanella. *Que vivent les femmes d'Afrique?* Paris: Éditions du Panama, 2008.

BONI, Tanella. *Que vivent les femmes d'Afrique?* Paris: Éditions Karthala, 2011.

BONI, Tanella. *Là où il fait si clair en moi*. Paris: Bruno Doucey, 2017.

CHITOURA, Khouloud. *Étude sociocritique de Harem dans Rêves des femmes une enfance au harem de Fatima Mernissi*. 2023. Université de Ghardaïa, Ghardaïa, 2023. Disponível em: <http://dspace.univ-ghardaia.dz:8080/xmlui/handle/123456789/7556>. Acesso em: 22 ago. 2025.

MEDOUDA, Sabrina. *Écrire, penser, panser?: Véronique Tadjo et Tanella Boni ou l'écriture féminine au cœur de la violence*. 2017. Université Toulouse le Mirail – Toulouse II, Toulouse, 2017. Disponível em: <https://theses.hal.science/tel-02355579v1>. Acesso em: 15 set. 2025.

NINANNE, Dominique. Dire “Le Nulle-Part”: topologie et temporalité de la migration dans “Là où il fait si clair en moi” de Tanella Boni. *Çédille – Revista de Estudios Franceses*, n. 21, p. 161-179, 2022. Disponível em: <https://www.ull.es/revistas/index.php/cedille/article/view/6820>. Acesso em: 08 ago. 2025.

NOUSS, Alexis. La condition de l'exilé. *Revue européenne des migrations internationales*, v. 34, n. 2-3, p. 350-351, 2015.